

Experiência Perfeita

29.I. 53

Anuncia a imprensa officiosa haver chegado ao fim o ministério de experiência. O que significa, e esta mesma imprensa não o dissimula, ter-se malogrado a experiência. Estivesse ela dando resultado satisfatório, e absurdo seria terminá-la, quando longe de terminar está o mandato do Presidente.

Mas, que significa, ou pode significar um ministério de experiência? De modo geral, todo governo é uma experiência. Tão complexas são as condições da vida social, tão difíceis de prever são os acontecimentos humanos, que todo governo é, e não pode deixar de ser uma experiência. Experiência que terá maiores ou menores probabilidades de ser bem sucedida, mas simples experiência. É o que, melhor que em todos, se evidencia no sistema parlamentar: quando dificultosa se torna a situação do País, sucedem-se os gabinetes, até que um acerte com a solução. **PROVANDO E RIPROVANDO**, como diria Galileu, até encontrar o que dê no ponto.

Tratando-se, porém, de sistema presidencial, o que se experimenta é o presidente, não os ministros. Ele é quem recebe o mandato, é quem traça o programa de governo. É quem lhe provê à execução, é quem em suma, para utilizar uma feliz expressão do sr. Daniel Faraco, quem imprime ao governo o seu estilo. Os ministros são pedras do jogo, mas quem move as pedras é o presidente. O governo presidencial é essencialmente um governo pessoal: tudo depende de um só homem. E este homem é inamovível, não pode ser despedido. Bom ou mau, este homem irá até o fim do seu longo mandato.

Não tem, pois, sentido falar-se em governo de experiência no sistema presidencial. Governo de provação é o que é: provação da paciência, da resistência de um povo. O presidente pode realmente brincar, jogar com os seus ministros; à Nação, porém, cabe apenas suportar o governo de um homem, em que não se pode tocar, de um homem verdadeiramente soberano.

Bem sabe disto o sr. Getúlio Vargas, bem sabe ele que neste regime, que tão caro parece ser-lhe, só existe um responsável, porque só existe um homem decisivo — o Presidente da República. Sentindo, porém, o peso dos encargos que assumia voltando ao governo, procurou ele eximir-se da responsabilidade correspondente, encenando a farsa do ministério de experiência. Chegavam os ministros ao governo com a sua autoridade posta em dúvida pela própria pessoa que os investia, mas pouco importava, se com isto pudesse descarregar sobre alheios ombros a sua presentida incapacidade.

Está, pois, terminada a experiência com os ministros — anuncia categoricamente um jornal officioso. Faltou-lhe apenas, dizer que feita também está a experiência com o presidente. Se uns falharam, o outro falhou mais do que eles.

A esta conclusão deveriam chegar todos, políticos e partidos. Todos os ministérios que vierem hão de malograr-se, porque já falhou o que, neste regime, é o inspirador e motor deles. Não mais ministérios de experiência, porque a experiência está feita e perfeita. Sirvam o Presidente, sacrificarem-se por ele, se necessário for, os que, **cessar de todas as advertências do passado, o elevaram**

novamente ao governo. Já que ele não pode ser despedido, acompanhem-no eles até o passo extremo.

Se ainda alguma experiência se pudesse admitir com o sr. Getúlio Vargas, esta seria a proposta pelo Partido Libertador: a experiência do governo de gabinete. Transformado, por geral consentimento, o governo pessoal em governo coletivo, assumiriam os ministros, de fato e de direito, a responsabilidade que a solercia presidencial procurou subrepticamente atribuir-lhes com o chamado ministério de experiência.

Entretanto, tais são os amavios do poder neste regime em que o poder é tudo, que muitos homens públicos sem responsabilidade na ascensão do sr. Getúlio Vargas e, portanto, sem obrigações de o amparar no despenhadeiro, se sentem tentados a colaborar num governo que será sempre o que é, já pelo sistema, já pelas insopitáveis tendências do seu chefe. Como certos insetos noturnos, sentem-se irresistivelmente atraídos pelo fogo que os há de consumir.